

EDITORIAL

É com grande satisfação que lançamos o segundo volume do dossiê ***História da Musicoterapia na América Latina: lembrar, refletir, compartilhar e caminhar***, da Revista Científica Incantare, do Núcleo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinares em Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná (NEPIM), fruto de um trabalho colaborativo de autores, pareceristas e do corpo editorial.

Os artigos que compõem este dossiê trazem importantes contribuições de musicoterapeutas brasileiros, argentinos e guatemaltecos. Tais produções refletem nossa identidade musicoterapêutica e nossas pautas profissionais, acadêmicas, políticas e pessoais.

O primeiro artigo, intitulado *O musicoterapeuta na contemporaneidade*, da musicoterapeuta Lia Rejane Mendes Barcellos, analisa o percurso do Musicoterapeuta e ressalta o desenvolvimento de seus novos papéis em diferentes áreas de atuação, impulsionados pelas novas demandas trazidas por movimentos como o da Reforma Psiquiátrica que exigem, destes profissionais, adequações em sua formação e prática profissionais.

Na segunda matéria, *Musicoterapia en la neurorehabilitacion de adultos: evidencias científicas y desafíos de la práctica clínica*, a autora argentina, musicoterapeuta Camila F. Pfeiffer, aborda o interesse da musicoterapia e das neurociências por temas relacionados à neuroplasticidade e aos efeitos terapêuticos da música e suas aplicações clínicas. Desta forma, propõe uma súpula dos avanços mais significativos da prática clínica musicoterapêutica na neuroreabilitação de pessoas adultas, enfatizando aspectos relacionados a motricidade, cognição, comunicação e socioafetividade.

Já o terceiro artigo, dos autores guatemaltecos, Mariayín Quevedo e Julio Méndez, *Musicoterapia en Guatemala: avances y retos en su implementación*, descreve o trabalho de musicoterapeutas dentro de um programa de

Psiquiatria, o chamado “Hospital dia”, em um Centro de Atenção Integral de Saúde Mental (CAISM), do Instituto Guatemalteco de Seguridad Social (IGSS). De acordo com Quevedo e Méndez, entre os métodos musicoterapêuticos utilizados estavam a Musicoterapia receptiva, de Jacques Jost, e a musicoterapia ativa baseada nos aportes teóricos de Rolando Benenzon e no Coro terapêutico. O trabalho também apresenta pesquisas sobre os efeitos da musicoterapia na diminuição do *stress*, no desenvolvimento da autoestima e de habilidades auditivas, na melhora do controle psicomotriz e sua intervenção no tratamento de ansiedade e depressão.

No artigo *Semiosis del musicante*, o musicoterapeuta argentino, Diego Schapira, propõe uma investigação que visa a construção de uma *semiose do musicante*, pensando nas características e funções que a música adquire em um espaço musicoterapêutico. Schapira afirma que não existem normas de significação e de comunicação universais, quando falamos da linguagem musical, mas que esta significação é construída e mediada por signos, que também serão gerados a partir das interrelações entre os participantes de um processo. Assim, os musicoterapeutas têm a tarefa de buscar as sonoridades que resultam dos encontros, dando-lhes um sentido que promova algo melhor para as pessoas com as quais trabalham.

O quarto artigo, intitulado *A musicoterapia sob um olhar político: reflexões a partir de entrevistas*, das musicoterapeutas brasileiras, Marina Reis e Marina Freire, elas propõem um cotejamento entre a política, o fazer político, a organização e a representação de classe e políticas públicas relacionadas à profissão do musicoterapeuta. Como resultado das entrevistas que as autoras fizeram com estudantes e profissionais da área, as respostas revelam que a musicoterapia ainda tem um longo caminho político a percorrer.

No artigo *Encontro Nacional de Estudantes de Musicoterapia (ENEMT): história e memória (2009-2019)*, o musicoterapeuta brasileiro, Lázaro Castro Silva Nascimento, faz um resgate histórico das suas 11 edições e traz uma reflexão a respeito do impacto e da difusão do evento no Brasil. Por se tratar de uma pesquisa histórica, o enfoque foi exploratório e documental e as fontes de dados foram sítios virtuais e redes

sociais. O autor identifica, por meio de sua análise, que o ENEMT é o maior evento nacional de estudantes de Musicoterapia no Brasil e que o mesmo contribui com a construção da identidade do musicoterapeuta em nosso país.

Finalizamos este volume, certos de que reinventar-se é um imperativo em tempos tão complexos como os que vivemos. E que a ciência, a arte e a solidariedade são caminhos promissores no enfrentamento do COVID-19 e suas consequências para saúde do corpo e da mente, bem como das condições de vida dos trabalhadores da musicoterapia. Seguiremos cantando, tocando, dançando, conversando, criando, estudando e trabalhando, certos de que todas as contribuições são importantes e bem-vindas na construção de nossa profissão na América Latina.

*Cuando todo vaya más despacio¹
Cuando la materia no ocupe espacio
Y la gravedad se asuste y salgamos volando (yo)
Aquí estaremos esperando*
Rafael Arcaute / Rene Perez Joglar (2017)

*Separarse de la especie²
Por algo superior
No es soberbia es amor
No es soberbia es amor*
Gustavo Cerati (2007)

Atenciosamente,

**Noemi Nascimento Ansay
Camila Acosta Gonçalves
Rodrigo Aparecido Vicente**

1 APOCALÍPTICO. Intérprete: Residente. Compositores: R. Arcaute e R. P.Joglar. In: Residente. Porto Rico: Sony Music Latin/ ATV Music Publishing LLC, 2017. Faixa 9 (6:12 min.).

2 ADIÓS. Intérprete: Gustavo Cerati. Compositor: G. Cerati, B. Cerati. In: Ahí vamos. Buenos Aires: Sony Music, 2007. Faixa 5 (3:49 min).

EDITORIAL

Es con gran satisfacción que lanzamos el segundo volumen del dossier ***Historia de la Musicoterapia en América Latina: recordar, reflexionar, compartir y caminar***, de la Revista Científica Incantare, del Núcleo de Estudios e Investigaciones Interdisciplinarios en Musicoterapia de la Facultad de Artes de Paraná (NEPIM), fruto de un trabajo colaborativo de los autores, evaluadores y del cuerpo editorial.

Los artículos que integran este dossier, traen importantes contribuciones de musicoterapeutas brasileros, argentinos y de guatemaltecos. Tales producciones, reflejan nuestra identidad musicoterapéutica y nuestras pautas profesionales, académicas, políticas y personales.

El primer artículo, titulado *El musicoterapeuta en la contemporaneidad*, de autoría de la musicoterapeuta Lia Rejane Mendes Barcellos, analiza el recorrido del Musicoterapeuta y resalta el desarrollo de sus nuevos papeles en diferentes áreas de actuación, impulsados por las nuevas demandas traídas por movimientos como la Reforma Psiquiátrica, que exigen de estos profesionales, adecuaciones en su formación y práctica profesional.

En la segunda materia, *Musicoterapia en la neurorehabilitación de adultos: evidencias científicas y desafíos de la práctica clínica*, la autora argentina, musicoterapeuta Camila F. Pfeiffer, aborda el interés de la musicoterapia y de las neurociencias en temas relacionados a la neuroplasticidad y los efectos terapéuticos de la música y sus aplicaciones clínicas. Así, propone la suma de avances más significativos de la práctica clínica musicoterapéutica en la neurorehabilitación de personas adultas, enfatizando aspectos relacionados a la motricidad, cognición, comunicación y socioafectividad.

En el tercer artículo de los autores guatemaltecos, Mariayín Quevedo y Julio Méndez, *Musicoterapia en Guatemala: avances y retos en su implementación*, describe el trabajo de musicoterapeutas en el programa de Psiquiatría, el llamado "Hospital día", en un Centro de Atención Integral de Salud Mental (CAISM) del Instituto Guatemalteco de Seguridad

Social (IGSS). Según Quevedo y Méndez, entre los métodos musicoterapéuticos utilizados, están la Musicoterapia receptiva de Jacques Jost, la Musicoterapia activa, basada en los aportes teóricos de Rolando Benenzon y el coro terapéutico. El trabajo presenta además, investigaciones sobre los efectos de la musicoterapia en la disminución del *stress*, en el desarrollo de la autoestima, habilidades auditivas, en la mejora del control psicomotor e intervención en el tratamiento de la ansiedad y depresión.

En el artículo *Semiosis del musicante*, el musicoterapeuta Diego Schapira propone una investigación que busca la construcción de una *semiosis del musicante*, considerando las características y funciones que la música adquiere en un espacio musicoterapéutico. Schapira afirma que no existen normas de significación y de comunicación universales, cuando hablamos del lenguaje musical, sino que esta significación es construida y mediada por signos que también son generados a partir de las interrelaciones entre los participantes de un proceso. De esta forma, los musicoterapeutas tienen la tarea de buscar las sonoridades que resultan de los encuentros, dándole un sentido que promueva algo mejor para las personas con las que trabajan.

En el cuarto artículo titulado *La musicoterapia bajo una mirada política: reflexiones a partir de entrevistas*, de las musicoterapeutas brasileñas Marina Reis y Marina Freire, se propone una comparación entre la política, el quehacer político, la organización y representación de clase y políticas públicas relacionadas a la profesión del musicoterapeuta. Como resultado de las entrevistas que las autoras realizaron con estudiantes y profesionales del área, las respuestas revelan que la musicoterapia todavía tiene un largo camino para recorrer.

En el artículo *Encuentro Nacional de Estudiantes de Musicoterapia (ENEMT): historia y memoria (2009-2019)*, el musicoterapeuta brasileño Lázaro Castro Silva Nascimento realiza un rescate histórico de sus 11 ediciones y aporta una reflexión relacionada al impacto y difusión del evento en Brasil. Por tratarse de una investigación histórica, el enfoque fue exploratorio y documental, siendo las fuentes de datos obtenidas de sitios virtuales y redes sociales. El autor identifica por medio de su análisis, que el ENEMT es el mayor evento nacional de estudiantes de Musicoterapia de Brasil y que el mismo contribuye a la construcción de la identidad del musicoterapeuta brasileño.

Finalizamos este volumen, conscientes de que reinventarse es imprescindible en tiempos tan complejos como los que vivimos. También de que la ciencia, el arte y la solidaridad son caminos promisorios en el enfrentamiento del COVID-19 y sus consecuencias para la salud del cuerpo, mente, así como para las condiciones de vida de los trabajadores de la musicoterapia. Seguiremos cantando, tocando, bailando, conversando, creando, estudiando y trabajando, seguros de que todas las contribuciones son importantes y bienvenidas en la construcción de nuestra profesión en América Latina.

*Cuando todo vaya más despacio
Cuando la materia no ocupe espacio
Y la gravedad se asuste y salgamos volando (yo)
Aquí estaremos esperando*
Rafael Arcaute / Rene Perez Joglar (2017)

*Separarse de la especie
Por algo superior
No es soberbia es amor
No es soberbia es amor*
Gustavo Cerati (2007)

Atentamente,

**Noemi Nascimento Ansay
Camila Acosta Gonçalves
Rodrigo Aparecido Vicente
Paula Meliante (tradutora)**